

Câmara Técnica de Saúde e Ambiente - CTSA

Vice-presidência de Ambiente Atenção e Promoção da Saúde - VPAAPS

Data: 17 de agosto de 2022

Local: Auditório prédio CDHS – COC

Programação

Momento 1

9h - Vigilância Popular em Saúde e o FioProsas – Guilherme Franco Netto

Momento 2

9h30-12h - Contextualização da Vigilância Popular em Saúde – conceitos e métodos

Hermano Castro - coordenador

Fernando Carneiro – 15’

Wanderley Pignati (UFMT) – 15’

Zélia Profeta – debatedora – 15’

Debate

12h as 13h30 – almoço

Momento 3

13h30 - 15h 30 - GT's de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade - atividades e resultados

GT Agrotóxicos – Aline Gurgel – 20’

GT Águas e Saneamento – Alexandre Pessoa – 20’

GT Campo, Floresta e Águas – Guilherme Franco Netto – 15’

Debate

Momento 4

15h30 – 16h30 - Apresentação do Programa Saúde & Alegria

Lista de Presentes – em anexo

Abertura do evento

Exibição do vídeo do NEEPES

Hermano Castro - É muito bom ver o retorno do trabalho que o grupo do NEEPES vem desenvolvendo, traz questões muito importantes como a promoção emancipatória da saúde e a vigilância popular. Gostaria de iniciar falando da importância da Câmara Técnica Saúde e

Ambiente – CTSA, trazendo o tema ambiental como prioritária no contexto atual, construiu a tese que foi incorporada no IX Congresso interno da Fiocruz. Dando destaque a importantes questões do contexto nacional como o problema do uso de agrotóxicos e a fome.

Momento 1 - Vigilância Popular em Saúde e o FIOProsas

Guilherme Franco Netto - Na última CTSA fizemos a proposição do que virou a IX tese do Congresso Interno da Fiocruz que foi enriquecida e consagrada pela plenária do Congresso Interno. As teses são nossas orientadoras institucionais onde baseamos nossas iniciativas e programas e precisam ser revisitadas periodicamente. Farei uma apresentação de como está dividida a área de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade da VPAAPS e das principais ações produzidas.

Áreas: Governança, PITSS, FioProsas, Agroecologia, Saúde e Natureza, Comunicação VPAAPS.

Eixos de Atuação

1. Geração do conhecimento, ensino e inovação em SAS

2. Áreas temáticas

- Agrotóxicos e Saúde
- Biodiversidade e Saúde
- Clima, Saúde e Cidadania
- Grandes Empreendimentos e Impactos sobre a Saúde
- Saneamento e Saúde
- Saúde dos Povos e Populações do Campo, da Floresta e das Águas
- Saúde do Trabalhador
- Qualidade do ar e Saúde
- Saúde Indígena
- Biomonitoramento e saúde humana

3. Vigilância em Saúde/ Informação

Sinalizou os principais resultados de cada área, que estão nos slides e enfatizou os resultados obtidos na temática da saúde indígena, incluindo dois editais de saúde indígena em parceria com o INOVA (slide).

A área de Saúde e natureza é uma provocação que estamos fazendo para não ficar imobilizados, diante da percepção de que a crise global ambiental, climática, de destruição da biodiversidade e a poluição estão trazendo elementos novos de que é importante fazer a articulação entre saúde e natureza.

Participamos representando a Fiocruz na conferência nacional de vigilância em saúde e tivemos uma participação muito importante formulando teses. Temos na presidência uma coordenação

de vigilância e laboratórios de referências e nesse sentido é importante trazeremos a inovação da vigilância popular em saúde.

Outra colocação importante é que passamos de agendas de respostas a demandas colocadas para agendas propositivas nos GTs, instituindo planos de trabalho e outras ações.

Agora a ideia é fazer um mergulho sobre a vigilância popular em saúde de base territorial.

Momento 2 – Contextualização da Vigilância Popular em Saúde – Conceitos e Métodos

Hermano Castro – Lembrou da atuação da Fiocruz na situação de contaminação no bairro de Santa Cruz – RJ, em parceria com a população e os movimentos, realizando uma experiência de vigilância popular em saúde, a partir das denúncias de material particulado decorrente do trabalho de uma empresa siderúrgica. Foi a vigilância popular que nos deu a possibilidade de atuar fazendo frente a essas questões.

A vigilância precisa consolidar esse processo, pensando como alicerce para atuar nessas situações, fortalecendo as nossas bases sociais.

Fernando Carneiro - A vigilância popular eclode com mais potência no contexto atual do Brasil, conforme coloca Boaventura de Souza e Santos sobre a sociologia das emergências, a atuação do governo federal acirrou os conflitos ambientais e teve reação dos movimentos sociais no Brasil. A saúde é um grande termômetro do desenvolvimento.

Um exemplo que é importante trazer aqui é o trabalho que o Bruno desenvolvia na Amazonia, ele apoiava a vigilância popular indígena e foi assassinado, inclusive gostaria de dedicar a ele esse dia.

No Projeto apoiado pelo INOVA que finalizou agora de Vigilância Popular em Saúde, Ambiente e Trabalho – VPSAT, consideramos vigilância popular como ação com protagonismo popular, a ideia da metodologia de pesquisa é a pesquisa-ação, nossa ideia é pesquisar com, nem sobre, nem para e sim com os movimentos.

Destacamos como um dos produtos importantes um guia de vigilância popular em saúde, ambiente e trabalho que tem a ideia de ser um material simples que possa ser utilizado pelos profissionais no SUS. Entre os produtos estão também um artigo de revisão sistemática que será publicado em revista científica, boletins, podcast, site, etc.

Cita como base epistemológicas e teóricas para a VPSAT alguns autores como Paulo Freire, Boaventura de Sousa e Santos, epidemiologia crítica de Jaime Breilh, Marcelo Firpo (justiça ambiental, ecologia política. Entre as bases teóricas, modelo operário italiano, epidemiologia popular, epidemiologia comunitária, cartografia social, entre outros.

Destacou a diferença entre as vigilâncias com participação comunitária (proposição dos serviços e participação da comunidade), a vigilância crítica (proposição da academia com participação ou não da comunidade) e a vigilância popular (protagonismo da comunidade com articulação ou não dos serviços e da academia).

No projeto foram cadastradas experiências de todo o Brasil e escolhidas 10 experiências para serem visitadas, 05 no Ceará e outros 5 em outras regiões do Brasil. Incluindo a revitalização do

apoio a luta no bairro de Santa Cruz no enfrentamento aos impactos da siderúrgica. Além disso, foi possível criar coletivos de pesquisa, desenvolvendo uma potência de multiplicação de pesquisadores nessa temática.

As visitas aos campos envolviam conhecimento do território e da luta dos movimentos e uma oficina de um dia com uma metodologia de pesquisa ação, finalizando com um plano de ação de VPSAT. Em alguns campos foi possível articular as três instâncias do SUS, movimentos, academia.

A partir dos campos foram atualizados os atributos da VPSAT (atributos estão no slide), como resultado dos campos entendemos que é preciso aprofundar o que seriam indicadores qualitativos de vigilância, a partir disso criamos o que chamamos de indicadores de denúncia/ameaça ou de anúncio/bem viver, em uma relação dialética. Indicadores estes utilizados pelos próprios moradores, são 10 estudos de caso que vão fazer parte do guia de vigilância popular em saúde ambiente e trabalho.

As comunidades pedem ao final das suas reivindicações que sejam feitos intercâmbios de lutas entre os campos, como também apoiar os planos de ação. No RS já está sendo feito a articulação com a SES-RS e está começando a implantação do plano de ação.

Lembrar que a Vigilância Popular faz parte das diretrizes do IX congresso interno da Fiocruz. Neste ano será feita uma oficina de VPSAT no congresso brasileiro de saúde coletiva. Acredito assim, que essa proposta tem densidade para essa se tornar uma VPPAPS, já que tem 4 diretrizes sobre VPS no congresso interno da Fiocruz.

Wanderlei Pignati - A Vigilância Popular surge como um processo de empoderamento, essas comunidades procuram a academia ou a saúde para denunciar um fato que está ocorrendo no seu território que está impactando a vida naquele território. No nosso grupo na UFMT temos vários tipos de trabalho nessas comunidades principalmente relacionado ao agronegócio aqui no MT. Projeto no Xingu, no vale do Juruena, outro projeto nas nascentes do rio Paraguai, dentro de uma APA ocupada por fazendeiros.

O projeto acompanhado pelo participatório de VPSAR foi o de Pocone, de comunidades quilombolas (5), dentro do pantanal. Esse território além da mineração de ouro, sofre uma destruição da natureza pelo agronegócio, englobando várias comunidades quilombolas. A gente recebe quase que diariamente denúncias de cheiro da água, da destruição de plantações de frutas e hortaliças.

Temos discutido e auxiliado, acho que esse é um papel importante da academia. Esse contexto de luta e possibilidade de denúncia não é de repente, trata-se de um contexto de luta, o processo de emancipação e empoderamento vem de anos, e isso precisa ser discutido ao falar sobre vigilância popular em saúde.

Temos discutido aqui a vigilância do desenvolvimento, um pouco mais ampla que a vigilância popular, lógico que para chegar na vigilância do desenvolvimento precisamos incluir a vigilância popular, saindo da vigilância tecnocrática, fazendo uma crítica a essa epidemiologia hegemônica, saindo dessa lógica de contagem de números.

A base da vigilância do desenvolvimento trata-se de tratar das questões basilares do que está acontecendo, da determinação social e política, deixando bem expressa a questão política desse modo de desenvolvimento que está destruindo a natureza e criando *commodities* e distribuindo o lucro para poucos. Destacar a importância da retomada do movimento popular e sindical, somente com democracia é possível fazer a vigilância popular em saúde.

A vigilância do desenvolvimento que está sendo discutida se refere a um movimento contra hegemônico para mudar esse modo de produção capitalista, querendo chegar a um modelo de desenvolvimento da vida, esse modelo é um modelo de destruição e de doença.

O território impactado, qual é o território que não está impactado por esse modo de produção capitalista? o urbano também está impactado. O movimento de vigilância popular é extremamente necessário para implantar a saúde dentro do território, mas não se pode discutir só questões locais, é muito mais amplo, precisa avançar além dessa vigilância, precisa incluir a discussão da determinação social e política da saúde, do ambiente e do trabalho. As primeiras práticas surgiram no movimento sindical e precisam ser retomados, discutir a crise e a cooptação das lideranças sindicais e populares que hoje são corrompidas pelo capital. Nós como participantes da academia precisamos discutir uma ciência cidadã, que sirva para uma transformação, nossa ciência acrítica precisa ser modificada, essa vigilância do desenvolvimento é uma discussão da ciência, que ciência a gente está querendo, uma ciência cidadã e engajada na transformação, essa ciência cartesiana e burocrática serve para garantir o status atual.

Zélia – no momento estou coordenadora da estratégia de integração regional e nacional da presidência, conversei com várias unidades e em várias delas temos projetos de vigilância, seja participativa, popular, cidadã e acho que temos coisas muito interessantes que precisamos trabalhar de forma integrada. Em algumas unidades experiências com mulheres que podem ser uma potência muito grande, especialmente diante dos desafios que temos, como pandemia, vale, derramamento de óleo, amianto. Temos uma gama grande de temas e essas vigilâncias são muito importantes, por isso discutir um pouco o que já temos de produção e quais são as lacunas, pensando em responder essas lacunas no sentido de conseguir dar saltos, seja com a proposição de políticas públicas, avanços, pensar o desenvolvimento. Como pensamos o território, que território é esse? Não é só uma questão numérica, relações de poder, determinação que trazem riqueza e potência muito grande de interpretações e saberes. Como que a academia se junta a esses saberes para criar potências, para resolver, pensar, mitigar, questões que envolvam a saúde no sentido amplo? O Ideia SUS tem muitas experiências interessantes que podiam ser assumidas pelo sistema de saúde. Precisamos dar o salto de sair do projeto de pesquisa para política pública. Pensar indicadores que são diferentes, qualitativos que não são simples, para nos ajudar a apontar avanços no território. Já tem uma vigilância que mostra vários caminhos que temos que seguir no território. Não sei se é criar mais um programa, porque temos muitos, mas será que não é fortalecer núcleos dentro de alguns programas para alguns temas que precisamos avançar? Talvez mais um programa, não sei se pode ser interessante, não sei se dará consequência forte e importante nesse momento. Fico pensando também para divulgar as experiências, as feiras de saúde. Somos muito pautados pelos movimentos, participação desde o início do processo, diagnóstico do território, são processos ricos que envolvem os grupos que trabalhamos com o grupo da academia. Como podemos mapear os projetos desenvolvidos na Fiocruz no campo das vigilâncias, considerando que temos

projetos em todas as unidades com diferentes grupos. O que fazemos com tanto site?? E outras formas de fazer comunicação? Será que ter na página da VPAAPS algo que possa concentrar e dar visibilidade?? Acho que devemos trabalhar de forma mais organizada, porque são projetos muito potentes que podemos aprofundar modelos de desenvolvimento que fortaleçam as populações e formas de resistência.

Debate

André Monteiro (Pernambuco)- Achou interessante a discussão a partir das Vigilância Popular em Saúde. A discussão de vigilância e neoextrativismo é central na vida do brasileiro. Seria interessante que essa dimensão do território fosse ampliada pois está relacionada com os impactos da vida social. Seria interessante fazer um encontro para reflexão sobre as diversas vigilâncias, a exemplo das contaminações – agronegócio, águas, mudanças climáticas, fazendo um debate mais amplo nessa perspectiva.

Marcia Correa e Castro (Canal Saúde) – Esse debate sobre Vigilância Popular em Saúde é um caminho interessante para quem quer fazer o diálogo. Precisa aproximar divulgação científica dessa discussão para abordar a ciência cidadã, e outros conceitos. Colocou o Canal saúde à disposição. O canal Saúde apoiou projetos com experiências de Vigilância Popular em Saúde. Essas experiências podem acrescentar muito nesse trabalho. A Política de comunicação da Fiocruz deve promover sinergias, com mais relevância, mais impacto, e propõem ações para convergir soluções.

Andrea Vasconcellos (VPAAPS) - Propõe a discussão sobre Ciência Cidadã – trazendo um debate vinculado de vigilâncias e essa ciência Cidadã. É a favor da criação de um programa de vigilância em saúde popular. A vigilância é o processo de territorialização – e o TSS está conectado. Devemos conectar com o PITSS. Outra questão é que os processos são mais valorizados do que os alcances dos produtos. E devemos articular com as tecnologias sociais e a associação brasileira de tecnologia social.

Leo Heller (IRR) - Gostou das apresentações. Pensa que é um tema com bastante desenvolvimento. Ainda precisa ser aperfeiçoado, desenvolvido. Achou interessante a revisão sistemática e a análise dos diversos temas empíricos. Como seria uma vigilância popular em saúde de políticas públicas? Para pensar juntos. O que seria uma vigilância popular do que seria o processo de alteração das políticas públicas? Uma vigilância da privatização pode identificar algumas situações. Pensando de forma ampliada, a privatização pode afetar o acesso à água, aceitabilidade, desencadeando efeitos na saúde física.

Zélia – Os processos de vigilância em saúde popular podem gerar muitas tecnologias sociais. Quando essas discussões são organizadas podem gerar muitas discussões. Juntar as experiências é importante.

Fernando Carneiro – Sobre as plataformas tecnológicas – criar plataforma de tecnologia socioambiental. A plataforma tem a característica de albergar as diversas experiências.

Roberta Goldstein (VPPCB) – Aceita a provocação sobre pensar em vigilância de políticas públicas. Propor a Plataforma de saúde e ambiente no geral era uma proposta para a prestação de serviços – geoprocessamento, dentre outros. Na ENSP tem uma plataforma de qualidade da água, que poderia compor essa iniciativa. Colocar essa discussão na vice-presidência como uma

prestação de serviços e ofertas de tecnologias. Amanhã tem um debate sobre ciência cidadã – ofertada pela VPEIC.

Sandra Hacon (Ensp)—Todos deram uma contribuição. Há que se dar um passo seguinte. Assim como está sendo feito em relação à ciência cidadã, tem que se criar espaços de uma forma direta de trabalho.

Juliana Rulli (VPAAPS) – como incluir a Vigilância popular em saúde nas ações que são desenvolvidas pelas vigilâncias ambiental, epidemiológica, sanitária, do trabalhador nos estados e municípios?

Guilherme – acerto do tema tratado nessa CTSA. Não se faz vigilância popular de forma espontânea. O que o Fernando trouxe, há um novo debate a ser aprofundado. Não há uma apropriação adequada da Conferência Nacional de Saúde. É fundamental que o coletivo se aproprie. Qualificar o debate na perspectiva – é uma função essencial da saúde pública. Antes de dar a forma sobre o que vai ser, há que se aprofundar o debate na academia e na sua relação com o SUS.

Fernando - Muito bom o Pignati trazer o que é ciência, e que ciência queremos. Trazer os sindicatos, por exemplo, foi uma ausência no projeto que coordenei. Sobre as lacunas – temos que aprofundar mais o tema. Exemplo de Vigilância de políticas – campanha dos agrotóxicos pela vida, de olho nos ruralistas (“ruralometro”), na sua relação com o SUS – a ação, e o desenvolvimento desse tipo de ação e pesquisa, acaba sendo um processo de formação.

Pignati - É um desafio muito grande. Primeiro a delimitação do conceito, e segundo o método. Vigilância participativa, vigilância ação é um método?

Essa discussão vai ajudar a compreender o território e respeitar a partir do processo de construção do diálogo e da discussão. Não é de uma hora pra outra que o empoderamento, o enfrentamento acontece. A exemplo do Zé Maria (Apodi), dos índios Xingu.

Há que separar conceito de método. Vigilância popular é um processo emancipatório. E se considerar as vigilâncias que estão hoje, tem que permear. Uma vigilância que busca uma ciência cidadã. Na sua concepção ela precisa ser participativa. O processo emancipatório deve ser levado para as demais vigilâncias. Vigilância de instituições – o IDEC está instituindo um PARA.

A vigilância do desenvolvimento é mais ampla. Questiona o modo de produção capitalista, busca a transformação do processo capitalista, para outro processo que não seja a exploração da natureza e a exploração do homem.

Zélia – foi muito rica essa manhã. Chama a atenção das potencias das experiencias distribuídas no nosso território. E podem ser mais potentes, podem suprir lacunas. Devemos ampliar os projetos para ampliar políticas públicas, com inserção no pensar do desenvolvimento.

Devemos explorar a capacidade da academia nos territórios para pensar as políticas públicas.

Hermano – fez um trabalho em Guamaré sobre qualidade do ar. A população disse que já sabia a situação. O cajueiro que fica com a folha amarela. A própria população constrói seus indicadores. Não devemos interferir nessa vigilância.

A provocação é excelente. Precisamos aprofundar. Organizar. E como integrar ao SUS. Os nossos originários sabem muito mais que nós. Temos que dar vida a isso.

Momento 3 - GT's de Saúde, Ambiente e Sustentabilidade - atividades e resultados

Aline Gurgel (Gt Agrotóxicos / Pernambuco) – Atuação do GT Agrotóxicos – Ações estratégicas desenvolvidas durante a gestão. Vem desenvolvendo atividades buscando resgatar a vigilância em saúde como um todo, como estado e no protagonismo das pessoas

Ações de *Advocacy* – fortalecimento do Estado em base territorial, GT tem incidido nas ações de mudanças de leis, assessoria a Fiocruz para responder as demandas do STF, inconstitucionalidade da lei de pulverização aérea, conjunto de ações técnicas buscando apoio e levar discussão para legislativo, judiciário e executivo. Produção de documentos técnicos para divulgação e comunicação científica, como para subsidiar parlamentares, ministros, fóruns estratégicos. Articulação com movimentos sociais. Produção de documentos com Abrasco, GT Águas. Fragilidade é articular corpo maior de pesquisadores. É preciso ter uma política de Estado que se sustente, independente de quem esteja no poder.

Gestão e Produção de conhecimento técnico e científico – livros, revistas. Solicitação de organismo internacional para traduzir artigos da revista do Cebes para espanhol. Assessoria a Anvisa, documento para apoio a 2 municípios do Maranhá e RS relacionados a pulverização aérea, assessoria as secretarias de saúde.

Processos formativos na instituição e para fora dela – curso de regulação em agrotóxicos para pesquisadores da Fiocruz e fora dela, representantes de movimentos sociais.

Coordenação de projetos com movimentos sociais com produção de cartilhas para deputados e população em geral, campanha do cerrado sobre contaminação da água e de vigilância popular demandado pelo território.

Cooperação com SUS – orientações técnicas com municípios, MS.

Atuação em quanto GT esta direcionada a diversas teses e diretrizes do CI, principalmente Tese 1 e 9. tese 1 atuação junto ao legislativo e na tese 9 na formação de políticas públicas, vigilância popular e participativa

Desafios – composição do GT, existe demanda grande e há poucos pesquisadores que atuam no GT, preciso uma composição mais diversificada; buscar fortalecer articulação internacionais, pq temos uma conjuntura particular e essas articulações, buscar comunicação e agendas estratégicas com essas articulações internacionais; comunicação para dentro e fora oportuna e de forma geral a maior suporte ao desenvolvimento das ações estratégicas do GT.

Alexandre Pessoa (GT Águas e Saneamento / EPSJV) – Ao falar de água e saneamento talvez vale começar por um debate sobre a cultura, pois esse debate não está circunscrito só ao debate técnico científico, a cultura traz elementos fundamentais para se compreender esse processo. Do que trata dos povos originários, dos povos indígenas e quilombolas, entre outros.

Gostaria de lembrar que no congresso da ABRASCO o tema água já tem uma mesa de debate confirmada.

Objetivo do GT é articular as ações do saneamento, do manejo das águas em 4 marcos teóricos referenciais: direito humano a água, promoção da saúde, justiça ambiental e proteção dos bens comuns. O debate da água e do saneamento é um processo, não é um produto, ganhou intensidade nos últimos anos, o debate do saneamento está na constituição do Estado brasileiro e da Fiocruz, mas tendo acreditar que nos último anos teve um salto qualitativo.

Funções

Assessorar a presidência; articular com as unidades e escritórios da Fiocruz; promover a interlocução com os governos, instituições e movimentos sociais nacionais e internacionais visando propor e fortalecer políticas públicas; induzir processos estratégicos na pesquisa, educação e cooperação e subsidiar a comunicação da Fiocruz sobre o tema (slide).

Faz referência sobre o documento estratégico do grupo de trabalho águas e saneamento, solicitando que leiam e que sugiram alterações que entenderem necessárias, pois está em constante modificação.

O tema de água transborda o saneamento, por isso o GT é água e saneamento. O tema das águas envolve outras questões além do saneamento, por exemplo as populações das águas. A água é considerada como potencialidade e desafio em alguns territórios, promove vida e também doenças em algumas comunidades. É um elemento de centralidade e transversalidade, como também integrador das políticas públicas e direitos humanos.

O contexto atual de neoliberalismo, desdemocratização social e política, grave crise ecológica, processos sindêmicos, insegurança hídrica e alimentar, crise civilizatória – tempo de re-existências. Nesse contexto não é possível pensar da mesma forma de antes, a instituição Fiocruz precisa avançar.

Principais ações: Participação no processo de consulta pública e revisão da portaria de potabilidade de água para consumo humano; participação no grupo de trabalho do MPRJ para o acompanhamento da água ETA Guandu; Portaria n 5762, de 07/12/2020 para instituir grupo de trabalho para o diagnóstico sistêmico para construção de rede de laboratório em vigilância da qualidade da água para consumo humano na Fiocruz; elaboração da nota técnica “análise dos potenciais impactos à saúde e aos direitos humanos diante do edital de concessão da prestação regionalizada dos serviços públicos de fornecimento de água e esgotamento sanitário e dos serviços complementares dos municípios do Estado do RJ, apresentando a 3 audiência pública virtual; elaboração de relatório sobre “Monitoramento de Melhorias em Água, Saneamento e Higiene da Saúde na AL e Caribe” para a OMS/OPAS (slide).

Foi feita a revisão da portaria de potabilidade, fortalecendo a agenda da vigilância em saúde. O GT deu uma contribuição importante nessa frente. Os documentos são científicos, mas políticos também.

Destacar a contribuição desta Câmara no congresso interno da Fiocruz, não somente por ter inserido o item específico de saúde e ambiente, a tese IX, mas também pela discussão intensa e rica que dobrou os itens da tese, chegando a 23 temas, tendo esta área uma grande responsabilidade, cabendo a nós a capacidade de interferir positivamente nas políticas públicas de saúde.

Guilherme Franco Netto - GT Campo, Floresta e Água - A partir da Política de populações do campo floresta e água, com um ciclo democrático e iniciativas protagonizadas pelo ciclo de coletividade, foi possível perceber que o SUS tem um formato essencialmente urbano. Os mecanismos que sustentam o mecanismo do SUS está baseado em processos que implicam urbanidades. Essa agenda de populações do campo, florestas e águas, com o Grupo da Terra, motivou a discussão do debate.

A PNPCFA não está em funcionamento, sem recursos. A Fiocruz passou a ser procurada para realização de ações estratégicas para sustentar esse caminho percorrido. Há produção de livro, com diagnóstico da situação de saúde, com apontamento de prioridades.

A partir do entendimento da missão da Fiocruz, gerou-se processo interessante de trazer para a Fiocruz a constituição de grupo de trabalho, com a participação dos movimentos sociais. 20 e tantas organizações, com receptividade grande, caminhando na direção de publicar a portaria que institui o GT de Populações do Campo, Floresta e Águas. Atualmente são 28 representações.

Desdobramentos concretos, estratégicos: (i) definição da necessidade de diagnóstico dos impactos da Covid nas populações do CFA no Brasil. Foi formada uma rede de grupos de pesquisa multifocal, em que este diagnóstico está sendo construído; (ii) apresentar para o governo que vem um conjunto de questões e preocupações sobre os cuidados das PCFA.

Fazendo o vínculo com a temática de hoje, VP Saúde, o GT possui uma relação direta, e as discussões dessa CTSA serão levadas integralmente para o âmbito do GT.

DEBATE

André Monteiro - Está impressionado com as riquezas das apresentações. Existe uma potência muito grande para atuação junto aos movimentos sociais, nos territórios. Importante a capacidade de articulação, e isso tem sido uma contribuição importante.

Em relação às águas, participo de grupo, Água do Oeste, em que várias entidades com participação da academia, possui dinâmica interessante. Uma das questões importantes tem sido a vigilância popular das águas. O Agronegócio tem expandido, e com isso os rios secos, a migração de nascentes, tem sido discutidas.

Necessidade de formação de lideranças, conselheiros, para exercer o papel de vigilância popular, de forma qualificada, a defesa dos territórios. Aumentar a capacidade e a qualidade de participação.

Debate dos 5 anos do maior conflito de águas do Brasil. Em Correntina. Necessário apoio institucional.

Andre Burigo (VPAAPS) - Informe sobre a agenda de agroecologia, que vem sendo organizada na VPAAPS desde 2018. Publicação que será lançada em setembro, início de outubro, com o mapeamento das experiências de agroecologia na Fiocruz.

Ao fazer o lançamento, será iniciado o processo de elaboração do Termo de Referência. O desafio é como identificar o que é singular, o que é interseção de agendas.

Existe uma construção importante para a agroecologia. (i) vários dirigentes estão interessados na transição alimentar. Fiocruz BA, Politécnic, Manaus – querem transformar suas cantinas com alimentos agroecológicos. (ii) na cidade do RJ será realizado XII edição do congresso de agroecologia, em novembro de 2023. Precisamos definir como a nossa instituição se envolve nesse congresso.

Christovam Barcellos (ICICT) Estamos em momentos de amadurecimento dessa câmara técnica em geral. Há uma convergência dos diversos grupos. Não há como discutir água sem discutir os diversos processos de determinação da saúde. Temos um papel importante, o aparato técnico permite o diálogo com a sociedade civil. A Água é uma luta, mas não isolada de outras lutas que a sociedade civil vem travando.

Temos que manter a nossa posição nesse conflito. Descobrimo as nossas particularidades, mas entendo o todo. Estamos no caminho da institucionalização. Atuando em todas as unidades que têm grande potencial para contribuir com esse debate, incluindo a sociedade.

Mudanças Climáticas também é um tema transversal a todas essas questões.

Fernanda Savick (Mato Grosso do Sul) - Reforçou o Congresso de Agroecologia em 2023. Publicação do Dossiê de Agroecologia – Convida a todos os membros da CTSA a contribuírem com o dossiê. Vai disponibilizar o edital.

Clementina Fraga (Ensp) - A luta pela água, saneamento... enquanto habitante da terra temos que nos unir. Cuidamos individualmente de partes para cuidar do todo.

Com uma emenda parlamentar, temos projeto para fazer a vigilância popular para saneamento. Uma demanda externa para ser executada, trazendo a vigilância popular para o saneamento.

Precisamos nos preocupar com a Vigilância popular, para não tirar a essência da contribuição e da ação das populações.

Complementações do Alexandre Pessoa: a exigibilidade do direito à água se mantiveram coesos. O princípio da responsabilização, multifacetado, com ações de mobilização, comunicação, direitos, garantindo o direito à universalização da água.

Christovam Barcellos – O debate da Geosmina no Rio de Janeiro. A Água esta fedendo. O que é geosmina? Por que a água está fedendo? Esse é o papel da Fiocruz – explicitar essas questões e trazer informação para a tomada de decisão.

Guilherme Netto - A Fiocruz deu subsídios para a tomada de decisão.

Clementina - O Ministério Público demandou a Fiocruz. O grande salto foi o Plano de Segurança da Água. A Fiocruz está junto da SES para acompanhar essas questões.

Alexandre Pessoa - Fundamental ouvir as vozes do território. Destacar a iniciativa da roda de conversa com os movimentos sociais – 25.11.2021. ouvir a sociedade civil organizada. Ter subsídios para conduzir os estudos. A Crise ecológica é uma sobredeterminação. Estamos no caminho certo. Dicionário de Agroecologia e Educação – deveria estar em todas as unidades da Fiocruz. Precisamos plantar água, plantar saúde.

Aline Gurgel - O GT de agrotóxicos identificou a dificuldade de transpor o conhecimento acadêmico para o conhecimento popular, e para a imprensa. Foi produzido uma coleção de documentos com temas quentes no âmbito da regulação de agrotóxicos.

Para além de produzir documentos técnicos, há a necessidade de ocupar outros espaços, com informações curtas – fact sheets.

Os GTs são articuladores dos processos estratégicos nos territórios. Podem e devem atuar de forma a articular os processos nos territórios. Identificar potenciais na instituição. Tem função de articulação. Que se constitua nesses espaços, com mapeamento do corpo técnico que pode dar esse apoio.

Com a crise climática, vimos atuando tentando apontar as repercussões para a saúde, para a sociedade, para o ambiente, identificando formas de atuação nos territórios afetados com as populações ameaçadas. No âmbito do GT de agrotóxico, e a proximidade do V seminário de SAS, há necessidade de fortalecimento de estratégias de governança do GT, que precisa ser aprimorado, visando cumprimento da missão institucional da Fiocruz.



Mesa de Abertura com Dr. Guilherme e Dr. Hermano



Momento 2: Fernando Carneiro, Zélia Profeta e Hermano Castro



Momento 3 Alexandre Pessoa, Aline Gurgel e Guilherme



Momento 4 - Apresentação do Programa Saúde & Alegria – Guilherme, Eugenio e Hermano

Anexo 1 – Lista de Presença

Ministério da Saúde
 FIOCRUZ
 Fundação Oswaldo Cruz
 Vice-presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde – VPAAPS

Câmara Técnica de Saúde e Ambiente da VPAAPS

Data: 17 de agosto de 2022 Local: Auditório do CDHS – COC

VPAPHS

Nº	NOME	UNIDADE	E-MAIL	TELEFONE	ASSINATURA
1	ALVES DO MONTE GABRIEL	IPM	ALVES.GABRIEL@fiocruz.br	81951164005	
2	LORENA COVEDON R. MARTINS	VPAPHS	LORENA.MARTINS@fiocruz.br	6099211331	
3	EUSTÁQUIO SAMPAIO NETO	PSA	EUSTACIO.SAMPAIO@fiocruz.br	05355233505	
4	Theressa Krause	MCCS	Theressa.Krause@fiocruz.br	89557102	
5	Theressa Rodrigues Frazera	EDS/SPS	Theressa.Rodrigues.Frazera@fiocruz.br	21959031354	
6	CLEMENINA DOS SANTOS FELDMAN	ENSP	CLEMENINA.FELDMAN@ensp.fiocruz.br	219738783	
7	Adriana Brito	VPAPHS	adriana.brito@fiocruz.br	21955790669	
8	Diagnosa Almeida	VPAPHS	diagnosa.almeida@fiocruz.br	21998620502	
9	Jurandir Wastrom Dutra Villandi	VPAPHS	jurandir.villandi@gmail.com	20999182424	
10	Uma Maria P.O. Ribeiro	VPAPHS	umaria.p.ribeiro@fiocruz.br	21998884684	
11	Yovana Inês Corrêa	VPAPHS	yovana.ines.corrêa@fiocruz.br	21995111229	
12	Yovana m. del Estel	IFC	yovana.mdel@fiocruz.br	21999828668	
13	Micaela Martelli	PDCEMA	micaela.martelli@fiocruz.br	21972520257	
14	Edmundo Gallo	VPAPHS	eduardo.gallo@fiocruz.br	2499842745	
15	Alcides Xavier Farias Dias	EPSTV	alcides.farias@fiocruz.br	21995301601	
16	Zilvia Inakite	CEIKN	zilvia.inakite@fiocruz.br	30982024573	
17	LETUSA ALBRECHT	ICC	letusa.albrecht@fiocruz.br	19999782898	
18	Dina Elvânia de Araújo Ribeiro	Fiocruze	dina.elvânia@fiocruz.br	85999998199	
19	Ramanda Souza de Almeida	Fiocruze	ramanda.souza@fiocruz.br	67981424619	
20	Carla Telen	Sistemas/Fiseg	carla.telen@fiocruz.br	(11)991643495	
21	Ardeu Montano Costa	IAM	ardeu.montano@fiocruz.br	(81)979781651	
22	Fernando F. Cavano	FIC/Reg	fernando.cavano@fiocruz.br	(81)114331431	



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



Ministério da Saúde
Fundação Oswaldo Cruz

Vice-presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde - VPAAPS

Câmara Técnica de Saúde e Ambiente da VPAAPS

Data: 17 de agosto de 2022 Local: Auditório do CDHS - COC

ANUNIA (cont.)

Nº	NOME	UNIDADE	E-MAIL	TELEFONE	ASSINATURA
23	YELZAIR ARAUJO VAVRA	IGM	yelzair.vavra@fiocruz.br	11 991637670	
24	Suzanne Moraes	VPAPPS	despachadas@opaid.com	61.99982.6047	
25	Roberta Albuquerque de Castro	VPAPPS	Roberta.Lobato@fiocruz.br	21.915734800	Roberta de Azevedo
26	Thaiane da Silva Soares	VPAPPS	thaiane_soares@fiocruz.br	21-912240810.	
27	ANIL CAROLINA FINEISICO DA SILVA	VPAPPS	anac.silveira@fiocruz.br	21 993739782	
28	Esther Siqueira Golliver	VPAPPS	esther.siqueira@fiocruz.br	21.98307.6583	
29	KAYKOS RODRIGUES RAMALHO	IPF	bio.silva@fiocruz.br	11.982057424	
30	Randara Vasconcelos	VPAPPS	randarav@fiocruz.br	21 999735657	
31	MARCELO Sando de Medeiros	JLMD	marcelo.medeiros@fiocruz.br	97.8.8418 8512	
32	Guilherme Figueiredo	VPAPPS	guilherme.figueiredo@fiocruz.br	2199596095	
33	Clivia de A. Brito Lita	VPAPPS	clivia_brito@fiocruz.br	BR 21994142304	
34	Fernanda Costa	VPAPPS	fernanda.costa@fiocruz.br	(21) 9921043082	
35					
36					
37					
38					
39					
40					



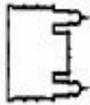
Ministério da Saúde
 Vice-presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde - VPAAPS

Data: 17 de agosto de 2022 Local: Auditório do CDHS - COC

Câmara Técnica de Saúde e Ambiente da VPAAPS

MEMBRE

Nº	NOME	UNIDADE	E-MAIL	TELEFONE	ASSINATURA
1	ARAUJO EDUARDO GUERTEL	IPAM	eduardo.guertel@fiocruz.br	81 98116 4005	
2	ZORENA COVEM R. MARTINS	VPAAPS	zorena.martins@fiocruz.br	51 99999331	
3	TESSERA KRESS	MCEB	keiras.kress@insp.fiocruz.br	51 9857 1206	
4	ALCANTARA M. DEL ESTE	IPR	alcantara.mdel@fiocruz.br	21 99982866	
5	ANDRÉ LUI CONCELHO	VPAAPS	andreluiconcelho@fiocruz.br	21 9999475652	
6	FRANCA JIMENES CARLENE	VPAAPS	carlene.jimenes@gmail.com	21 999311224	
7	OLIVEIRA F. O. FELDER	VPAAPS	oliveira.f.felder@fiocruz.br	21 98888 4681	
8	FRANCA WERZACK ANELI VILHARCI	VPAAPS	aneli.vilharcif@fiocruz.br	21 99948 2424	
9	DIAS JESSICA REZENDE	VPAAPS	jessica.rezende@fiocruz.br	21 999682528	
10	NETUNO ALBRECHT	ICC	netuno.albrecht@fiocruz.br	19 99938 2199	
11	MARCELO SANCHES DE MENDONÇA	ILUD	marcelo.sanches@fiocruz.br	51 98419 8512	
12	FRANCA F. CALVINO	FIOCRUZ	franca.fcalvino@fiocruz.br	51 99931471	
13	FRANCA JESSICA	VPAAPS	jessica.franca@fiocruz.br	61 99982 6057	
14	VELZKE ANAUSO VANUZA	IGM	anausovanzke@fiocruz.br	91 99165 7670	
15	FRANCA DO SACRAMENTO ELODASTO	VPAAPS	elodasto.franca@fiocruz.br	21 9995 724000	
16	FRANCA CARMEN RIBEIRO DE SILVA	VPAAPS	carmen.franca@fiocruz.br	21 993239787	
17	FRANCA ANA LUIZ	VPAAPS	ana.luiz.franca@fiocruz.br	21 99229 0600	
18	FRANCA SILVANA VETTORI	ISA	silvana.franca@fiocruz.br	53 55133505	
19	CHRISTOVAM BRANCO	ICCT	christovam.br@fiocruz.br	121 99943 54043	
20	FRANCA A. P. P. FRANCA	VPAAPS	apfranca@fiocruz.br	(21) 983370697	
21	FRANCA DOBSON SANTOS FELTRAN	ENSP	dobson.feltran@fiocruz.br	21 999399888	
22	FRANCA EDUARDO GALLO	VPAAPS	eduardo.gallo@fiocruz.br	24 999112071	



Câmara Técnica de Saúde e Ambiente da VPAAPS

Data: 17 de agosto de 2022 Local: Auditório do CDHS – COC

PRIMEIRA (cont.)

Nº	NOME	UNIDADE	E-MAIL	TELEFONE	ASSINATURA
23	Carla Lopes de Albuquerque	ISE Unieiro	carla.palmeira@fio-cruz.br	21 996166337	
24	Luiza Seixas	ANEXO 1, bloco 1	solis@fio-cruz.br	988341028	
25	Clara Claudina de Araújo Rezende	FIOCRUZ	clara-elaudia@fio-cruz.br	(55)999988197	
26	Fernanda Saatchi de Oliveira	FIOCRUZ	fernanda.saatchi@fio-cruz.br	(61)98192-9619	
27	Ally Taylor	Adaptabilidade	ally.taylor@fio-cruz.br	(21)991643485	
28	Adel Martins Costa	IAW	adelm.costa@fio-cruz.br	(81)99928.1657	
29	Denise Siqueira Pedrosa	VPAAPS	denise.siqueira@fio-cruz.br	21-98307-6588	
30	Fernanda Costa	VPAAPS	fernanda.costa@fio-cruz.br	931043182	
31	Yedimar Siqueira	CAUSAL	yedimar.siqueira@fio-cruz.br	21935716565	
32	Silvia de Almeida Portilha	VPAAPS	silvia.portilha@fio-cruz.br	21994147304	
33	Alexandre Barbosa	GGTV	alexandre.barbosa@fio-cruz.br	(21)99520660	
34	William Frases Neto	VPAAPS	william.frases@fio-cruz.br	21 995966758	
35	Yaracá Chauvi	VPAAPS	yaraca.chauvi@fio-cruz.br	21.99398.1865	
36					
37					
38					
39					
40					